

Lembrar e Esquecer: A Constituição da Subjetividade Feminina em uma Perspectiva da Memória em *Bardon Bus*, de Alice Munro

Remembering and Forgetting: The Constitution of Female Subjectivity in a Perspective of Memory in *Bardon Bus*, by Alice Munro

Patrícia Lacerda Faria Rocha^{*}

Gracia Regina Gonçalves^{**}

RESUMO: Este artigo pretende repensar a construção da subjetividade feminina em um recorte da ficção da canadense Alice Munro, focalizando o questionamento da categorização estanque dos gêneros como fator preponderante. Para tanto, o corpus escolhido contempla o conto “Bardon Bus”, presente na coletânea *Moons of Jupiter* (1982). Vislumbram-se algumas considerações sobre a reconstrução de eventos passados através da memória feminina da protagonista, levando-se em consideração as implicações de uma consciência dos gêneros como papéis performáticos e questões sobre a fragilidade de uma constituição identitária fixa. Depreende-se, ainda, uma noção fragmentária da linguagem, sobretudo em um contexto de resgate de eventos passados, em que ela se apresenta como ferramenta de representação de uma subjetividade dúbia e

^{*} Mestranda em Letras - Estudos Literários (Literatura Cultura e Sociedade). Departamento de Letras e Artes - Universidade Federal de Viçosa.

^{**} Doutora em Letras – Estudos Literários. Professora Adjunto IV do Departamento de Letras e Artes – Universidade Federal de Viçosa.

ambígua. Parte-se de um aparato teórico que engloba autores como Carol Ann Howells,

Chris Weedon, Joan Scott, Teresa de Lauretis, entre outros que trazem no bojo de suas teorias tanto os elementos acima mencionados e, sobretudo, o caráter inegável do sócio-cultural representado na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Alice Munro; linguagem; gênero; memória; subjetividade.

*“Vejo as asas, sinto os passos
De meus anjos e palhaços,
Numa ambígua trajetória
De que sou o espelho e a história.
Murmuro para mim mesma:
“É tudo imaginação!”
Mas sei que tudo é memória...”*

Cecília Meireles – Memória

Durante as últimas décadas, muito se tem discutido sobre a formação e constituição da literatura canadense, bem como sua consolidação no espaço do cânone. Sabe-se que essa literatura se desenvolveu de maneira peculiar se comparada a de outros países que, desde suas bases, foram concebidas e aceitas, criando-se uma espécie de tradição no fazer literário.

Um dos fatores que se deve levar em consideração quanto à formação da literatura canadense é a geografia do país. Trata-se de uma região pouco habitada em relação ao espaço físico, constituída por grandes extensões de espaços não

civilizados em meio a florestas e lagos. Considera-se o clima também como elemento preponderante, uma vez que o país se caracteriza por longos períodos de inverno rigoroso. Além disso, há de se considerar o Canadá como um local em que as comunidades culturais se diferem não apenas pela língua, mas também pela grande quantidade de grupos étnicos existentes. Os grupos de orientação francesa e inglesa, os indígenas, os mestiços e o grande número de imigrantes ali presentes, contribuem para o caráter multicultural desse país. Esses elementos se projetam, dessa forma, como participantes no desenvolvimento de um cenário cultural multifacetado e, ao mesmo tempo, particular.

Quando se pensava sobre as obras representativas dessa literatura ligadas a esses fatores de inclusão/ exclusão do sujeito, percebe-se que o fazer literário decorrente dessa condição se daria por uma espécie de apropriação de paradigmas considerados, até então essenciais, sem que houvesse uma característica que se fizesse distintiva dessa literatura. Após muita discussão e amadurecimento sobre esse tema, detectou-se o elemento natural, o *wilderness*, do país como melhor representativo de uma identidade nacional. Sendo assim, ele passa a ser refletido não apenas na mentalidade cultural, mas é também transposto à criação literária a partir de uma estética que o elege como principal.

Paralelamente, a escolha consensual do elemento natural canadense como representativo de uma identidade cultural e nacional, mostra-se como muito válida e pertinente, pois a partir desse conceito, podem-se desdobrar outras noções válidas que permeiam as obras literárias lá produzidas. O famigerado caráter “realista” da literatura canadense, por exemplo, funciona como algo que possa reiterar o sentimento de pertencimento àquela realidade, àquele país. Realçando-se os contornos das experiências cotidianas na literatura, através de um cenário

natural como elemento que as compõem, o alcance da tão almejada identidade nacional na literatura, de uma maneira capaz de englobar os grupos étnicos e culturais, se efetiva, uma vez que ele se mostraria como um elemento inerente a todos que compartilham dessa realidade.

Para se discorrer mais detalhadamente sobre essa questão do elemento natural, deve-se voltar historicamente para a época de colonização do Canadá, em que o país começa a ser habitado por europeus. Tem-se, então, em foco a situação dos pioneiros nessa povoação, principalmente no que diz respeito à relação estabelecida por eles contra essa constituição natural inóspita, já que o manejo da terra a fim de torná-la habitável mostrou-se uma tarefa extremamente árdua e dificultosa. A dominação da natureza pelo homem desde esses tempos mais remotos, remonta à estética de representação da mulher, pois de maneira análoga, assim como a natureza foi/é dominada pelo homem, a mulher também seria vulnerável a um tipo de dominação similar.

A partir das formulações desconstrucionistas esse tipo de representação foi, de certa forma, resgatado através da discussão acerca dos dualismos, patrocinada por esse movimento pós-estruturalista, principalmente no que diz respeito à noção do natural, do inerente. O conceito é posto em pauta por representar uma concepção ancorada ao contexto iluminista em que a visão universalizante do homem cartesiano é a ordem do dia. O modelo de Derrida, em linhas gerais, consiste em uma teoria que questiona as “verdades universais” veiculadas pelas camadas de poder dominante. Assim, a desconstrução abre espaço a esferas antes marginalizadas da sociedade através do questionamento da elaboração da linguagem. Portanto, numa via de mão dupla, ganha-se em novas possibilidades na lida com os textos literários. De acordo com Michele Barret,

A teoria feminista tem conseguido tratar de um número de questões fora de uma perspectiva “materialista” clássica: particularmente, a análise da corporalidade e da psiquê, isso se deve a algumas teorias “pós-estruturalistas”, notadamente a leitura desconstrutivista derridiana, a psicanálise lacaniana e a ênfase de Foucault na materialidade do corpo e nos discursos de poder. As feministas se apropriaram dessas teorias ao invés de outras por boas razões: esses teóricos tratam das questões da sexualidade, da subjetividade e da textualidade, que são prioritárias na agenda feminista.”

(BARRET, 1993, p. 123)

Essas contribuições são inegáveis na medida em que proporcionam alicerces para que as teorias dos estudos de gênero e do pós-estruturalismo sejam sentidas. Vale ressaltar que não se cabe questionar se o feminismo e os estudos de gênero são provenientes do movimento pós-estruturalista, ou o contrário, mas sim salientar que ambos se beneficiam mutuamente. O movimento desconstrucionista, problematizador da verdade unilateral, insere a perspectiva das mulheres em um novo patamar, ainda reforçada pelo *boom* dos estudos de gênero a partir da década de 60. A literatura canadense passa a adquirir, portanto, novos contornos Assim, Carol Ann Howells afirma sobre esse contexto:

A mentalidade colonial e a recente emergência do Canadá têm afinidade próxima com as percepções engendradas que as mulheres têm de si mesmas, pois a revivificação do movimento feminista desde os anos sessenta criou condições para uma mudança na consciência feminina à medida que elas lutam para encontrar suas próprias vozes a partir da quais elas desafiam as tradições que as marginalizaram e as excluíram do poder.

(HOWELLS, 1987, p. 3, tradução nossa.)¹

¹ *The colonial mentality and Canada's recent emergence from it have close affinities with women gendered perceptions of themselves, for the revivification of the feminist movement since the 1960s has created the conditions for a change in women's consciousness as they struggle to find their own voices through which to challenge*

O elemento natural se releva assim importante no sentido de representar um ambiente em que as relações de poder não são constituídas da mesma forma do que na sociedade em geral, pois o cenário da natureza se transporta para a literatura como um local ainda não mapeado pelo sujeito detentor do poder patriarcal. Acresce-se a isso a relação entre o elemento natural canadense e a perspectiva das mulheres, que pode funcionar como uma possível explicação para a abundante produção de textos cujas temáticas giram em torno de personagens femininas. Nota-se, também, a existência de nomes como Margaret Laurence, Margaret Atwood e Alice Munro, algumas das mais proeminentes autoras canadenses que elaboram suas narrativas a partir das noções das relações de poder, das questões femininas em relação ao patriarcado e das vozes marginalizadas.

Esse tipo de argumentação, de acordo com Adriana Facina e Raquel Soihet “Evidencia também o embate mais amplo entre aquelas e aqueles ligadas (os) à tradição cultural do iluminismo e as (os) que a rejeitam, e consideram a linguagem, o discurso como instância constituinte da “realidade”. (FACINA, A.; SOIHET, R., s/d, p. 3) Diante desse contexto, tornam necessárias algumas considerações sobre o desenvolvimento dos estudos de gênero, bem como sobre sua relevância para a proposta desenvolvida neste artigo, uma vez que se pretende-se examinar um recorte da ficção de Munro numa perspectiva de investigação da memória como elemento norteador.

Sabe-se que os estudos feministas foram se desenvolvendo e atraindo mais adeptos, até que, aproximadamente entre as décadas de 70 e 80, consolidam-se como uma disciplina, agrupando discussões não apenas acerca dos gêneros, como também de outras temáticas afins, como os

traditions which have marginalized and excluded them from power (HOWELLS, 1987, p. 3).

estudos pós-coloniais, as teorias *queer*, e aqueles relativos às classes sociais. Entretanto, nem tudo são flores, já que os estudos feministas, ainda hoje, encontram inúmeros percalços na veiculação de suas propostas, desde polêmicas na conceituação de seus termos-chave, uma suposta guetoização na esfera acadêmica, até sua completa aceitação, já que esses estudos têm sido muitas vezes acusados de obliterar o objeto principal do estudo literário: o texto.

Para além de discussões polêmicas sobre a estabilização desses estudos, cabem aqui, em primeiro lugar, alguns esclarecimentos. De acordo com Joan Scott, sabe-se que “[...] o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções sociais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados a homens e mulheres” (SCOTT, 1990, p. 75). Tem-se, deste modo, uma clara separação entre os termos sexo e gênero, sendo esse relacionado a representações sociais, e aquele a aspectos biológicos. A partir disso, pode-se concluir que o ambiente ao qual estamos inseridos exerce influência na maneira como nos comportamos, se é que não nos condiciona.

Sendo uma de suas preocupações evitar as oposições binárias fixas e neutralizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, por meio de símbolos, jogos de significação, cruzamento de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas.

(MATOS, 1997, p. 97-98)

Tem-se, hoje em dia, uma percepção muito mais aguçada e definida da validade desses conceitos, uma vez que já não se considera a noção essencialista que sugere que determinado sexo deverá se comportar ou seguir os valores tidos como “apropriados” para seu gênero correspondente. A noção do gênero, que perpassa a questão da construção de identidade(s) é algo fluído, podendo variar de acordo com inúmeros fatores,

desde a subjetividade do sujeito, até o grau em que as convenções sociais serão por ele absorvidas. Tereza de Lauretis propõe “[...] um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido” (LAURETIS, 1994, p. 208).

Dessa forma, insere-se tanto na questão da consolidação da literatura canadense, quanto às escritoras interessadas em discutir as representações do gênero, Alice Munro, autora selecionada como corpus dessa reflexão. Suas narrativas são estruturadas em contos que tratam da banalidade da vida cotidiana, questionamentos femininos em um tipo de enredo que poderia se estender a qualquer uma de nós. Assim, têm-se representadas no papel, personagens que de alguma forma, favorecem uma discussão acerca de valores tidos como “verdadeiros” na sociedade patriarcal. São narrativas que perpassam o relato de incidentes aparentemente banais, mas que se constroem de forma a ressaltar a consolidação e descoberta de uma identidade própria de cada personagem, bem como a aceitação de uma subjetividade que reitere a fluidez do gênero. Novamente, Carol Ann Howells, se posiciona sobre essa questão:

O conjunto de histórias de Alice Munro, mesmo não apresentando abertamente nenhum tipo de engajamento político, resiste sutilmente às estruturas autoritárias subvertendo tanto a fantasia, quanto o realismo como formas de discurso ficcional, questionando estereótipos masculinos e femininos e lembrando os leitores sobre a imperfeição de todas as formas de classificação.

(HOWELLS, 1987, p. 8, tradução nossa)²

² *Alice Munro's short cycles and collections while having no overtly political engagement, subtly resist any authoritarian structures by subverting both realism and fantasy as modes of fictional discourse, questioning masculine and feminine stereotypes and reminding readers of the incompleteness of all forms of classification* (HOWELLS, 1987, p. 8).

Ao contrário do que Howells sugere, Munro trás à tona personagens que, consciente das conseqüências, desafiam os padrões sociais em uma estrutura narrativa que se pretende realista, mas que recupera sinais de fantasia recolhidos através do resgate de memórias e incidentes passados. Assim, no ordenado espaço da vida social, a sublimação da experiência se constrói de uma maneira fragmentária, em que os enredos se mostram como uma forma de reconciliação com o passado e, ao mesmo tempo de uma secreta resistência aos padrões de dominação.

Uma vez que a subjetividade é uma forma de ser no mundo, esses relatos procuram firmar uma identidade feminina própria, cujas bases se encontram na omissão proposital de nuances subjetivas no decorrer dos anos. Assim, a volta ao passado é uma ferramenta de autoconhecimento e de descoberta, uma vez que o presente passa a ser entendido como uma reconstrução de eventos passados. A escrita pretensamente realista se desfaz como conseqüência desse retorno, já que a escritura dessas memórias se firma a partir de uma lente pessoal que constrói e desconstrói os fatos e que também considera o distanciamento temporal entre o ocorrido e o relatado.

Em um tom confessional, as personagens são construídas pelo leitor através de uma narrativa oblíqua e ambígua, no limiar da experiência palpável e do enigmático em que não são desconstruídos apenas os estereótipos atribuídos aos sexos, mas também a noção de que o mundo está sendo descrito inteligivelmente. A produção literária de Munro se insere em um panorama de discussão das construções impostas, não só dos gêneros, mas também daquelas noções relativas ao fazer literário, em que a narrativa se quer como tal. Não coincidentemente, as personagens retratadas em seus contos estão, frequentemente, relacionadas ao mundo da literatura e da escritura, seja como leitoras assíduas, ou como escritoras.

Pertencente à coletânea de contos *Moons of Jupiter* (1982), “Bardon Bus” é um conto que, seguindo a tradição da obra literária de Munro, trás à tona questionamentos inerentes a uma protagonista não nomeada, através de sua narração. Trata-se de uma mulher de meia idade que, após uma temporada passada na Austrália, retorna ao Canadá e tenta desesperadamente esquecer um caso de amor vivido em sua viagem. O relato elaborado a partir de experiências vivenciadas por ela própria já se constitui como uma maneira de subverter o modelo social de estabelecimento das relações de poder. Se a voz dominante no âmbito patriarcal pertence ao sujeito masculino, em “Bardon Bus” essa relação ocorre de uma maneira inversa, pois a voz que detém o poder dentro da narrativa é feminina.

É de se sublinhar que a narrativa não se assume ou se quer como um relato de memórias autêntico pelo simples fato de o sujeito da experiência ser também o narrador, o que desestabiliza a noção de objetividade do texto literário, concepção arraigada nas bases relativas ao Iluminismo, em que a linguagem seria a ferramenta mais adequada de espelhamento de ações. Weedon sugere que “O senso comum conta com uma ingênua visão da linguagem como transparente e verdadeira, não distorcida por elementos como ‘ideologia’, um termo que é destinado para explicações que representam interesses opostos e transversais” (WEEDON, 1983, p. 77, tradução nossa)³. Dessa forma, a linguagem seria concebida como o site de interesses específicos de quem a veicula.

Como dito, a narrativa em questão assume um aspecto fragmentário em relação à estrutura temporal, pois a protagonista, em tom de reminiscência, remonta a experiências passadas, sem, contudo, fazer uma diferenciação explícita dos

³ “All common sense relies on a naïve view of language as transparent and true, undistorted by such things as “ideology”, a term which is reserved for explanations representing opposed sectional interests” (WEEDON, 1983, p. 77).

períodos em que o enredo se desenvolve. Têm-se então, o momento presente em Toronto, em que a protagonista escreve, e um passado próximo (“last spring”) na Austrália em que se toma conhecimento de um relacionamento amoroso vivido pela personagem, eixo a partir do qual se dá a relevância do ato de relatar essa memória especificamente.

Além disso, ela ainda recorre a um passado mais distante, em Vancouver, onde, pela primeira vez, trava conhecimento com esse homem, denominado no conto como “X”, “[...] as if he were a character in an old-fashioned novel, that pretends to be true” (MUNRO, 1990, p. 687). Quando a protagonista discorre sobre o motivo pelo qual denomina de X seu namorado do passado, já se percebe também uma crítica, ou certo tom irônico no que diz respeito ao pretense tom de realidade presente nos romances e nas narrativas tradicionais. De acordo com Silviano Santiago (2002), o narrador pós-moderno sabe que a relação existente entre o real, a experiência vivenciada e a fantasia, a ficção não passa de uma construção da linguagem, em que se nota “[...] a pobreza da palavra escrita enquanto processo de comunicação” (SANTIAGO, 2002, p. 56). Isso porque, a partir do relato de memórias, tem-se uma viagem ao passado patrocinada pelo rememoração de eventos em que a linguagem dará o toque de imaginação na re-construção do presente em que se relata. É nesse ínterim que a narrativa de “Bardon Bus” se desenvolve, uma vez que ela é construída entre um desejo de autenticidade que, ao mesmo tempo, se mostra como construído através da lente pessoal do narrador. Assim se nota na própria voz da personagem: “And now that I’m trying to look at things soberly [...]” (MUNRO, 1990, p. 696).

No início do conto, momento em que a personagem incita algumas reflexões, ela se autointitula como uma mulher de meia idade de maneira um pouco depreciativa “I think of being an old maid in another generation.” (MUNRO, 1990, p.

686) O fato de ela se referir de imediato a uma geração anterior a sua própria, já remete ao leitor algum tipo de suspeita, pois isso poderá resultar, no decorrer da narrativa, em uma contraposição de valores presentes nessa geração aos da sua, o que já prenuncia a questão dos gêneros e das identidades assumidas por sujeitos femininos. Pois “A linguagem entra nessa compreensão de gênero como um espaço necessário que tem tanto a função estabilizadora (fixando posições de gênero) quanto desestabilizadora”. (BESSA, 1998, p. 42). Especificamente nesse trecho, vê-se que a forma a partir da qual ela se descreve sugere como referido acima uma definição de uma postura em relação aos gêneros, na medida em que ela compara, “fala” a partir da perspectiva do gênero dominado.

E assim, ela, ao longo de vários momentos, sejam eles referentes ao passado ou ao presente, faz uma série de considerações sobre os papéis performáticos de homens e mulheres na sociedade, alguns reforçando estereótipos, outros combatendo. Como se pode ver no trecho a seguir, a protagonista descreve a esposa de seu antigo namorado em contraposição à anterior: “She is the new sort of wife with serious interests of her own. His first wife had been a girl with a job, who would help him get through the university, then stay at home and have children” (MUNRO, 1990, p. 687). A narradora ironiza papéis frequentemente imaginados pelo senso comum destinados ao tipo de esposa cujas preocupações se estendem àquelas do marido quando menciona sua primeira mulher, que contraposta à segunda, adquire um status de submissão, já que suas representações diferem entre si.

Há ainda, em outra passagem, o encontro no presente da narrativa entre a protagonista e Dennis, um amigo do antigo casal. No episódio da conversa, Dennis tenta se mostrar como um homem aberto às mudanças ocorridas na sociedade em relação a papéis femininos e masculinos, mas seu

empreendimento é malgrado na medida em que ele reforça as relações essencialistas ao comentar sobre o envelhecimento de homens e mulheres,

The way they have to live, compared to men. Specifically with aging. Look at you. Think of the way life would be, if you were a man. The choices you would have. I mean sexual choices. You could start all over. Men do. It's all in the novels and it's in life too. Men fall in love with younger women. Men want younger women. Men can get younger women. The new marriage, new babies, new families.

(MUNRO, 1990, p. 695)

O realce dado à apropriação da voz da personagem Dennis se dá, em primeiro lugar, a fim de fazer circular crenças inerentes à sociedade do senso comum, ocorrência notada explicitamente a partir da construção dos períodos curtos que, enfaticamente, se referem ao comportamento masculino na “reconstrução” de laços afetivos, cuja preferência se alia às mulheres mais novas. Além disso, a relevância do trecho destacado acima, se dá, na mesma medida, por um movimento de antecipação de acontecimentos futuros em relação a “X”, que age da maneira descrita pelo amigo, reconstruindo seus laços afetivos através de novos relacionamentos.

O leitor, ao passo que se insere na narrativa, toma conhecimento da construção da personagem Kay, amiga da protagonista com quem divide o apartamento. Kay é constituída de uma maneira diferente da protagonista, o que reitera a negação de uma categoria universal de mulheres e de identidades fixadas de acordo com categorizações que tomam a questão biológica como elemento diferenciador. “She doesn't feel the threat I would feel, she never sees herself slipping under” (MUNRO, 1990, p. 690). Essa passagem vai ao encontro à argumentação de Teresa de Lauretis quando discute a existência de vários sujeitos femininos, diferenciados através de

suas identidades e subjetividades e não categorizados simplesmente por pertencerem ao mesmo sexo. “[...] uma concepção ou compreensão do sujeito (feminino) não apenas como diferente de Mulher com letra maiúscula, a representação de uma essência inerente a todas as mulheres” (LAURETIS, 1994, p. 217). Na medida em que ambas as amigas se encontram em processo de superação de relacionamentos anteriores, a protagonista se mostra de uma maneira ambígua em relação a outra, pois se de um lado, através de seu discurso, percebe-se uma espécie de compadecimento ou identificação com a condição de Kay, de outro, esse mesmo discurso oferece possibilidades de ser interpretado de uma maneira diametralmente oposta, já que nele se nota um tom jocoso direcionado à amiga

In none of this she is so exceptional. She does what women do. Perhaps she does it more often, more openly, just a bit more ill-advisedly, and more fervently. Her powers of recovery, her faith, are never exhausted. I joke about her, everybody does, but I defend her too [...].

(MUNRO, 1990, p. 690)

A protagonista essencializa, ao dizer que *todas* agem dessa forma, mas, em contrapartida, se posiciona de uma maneira quase invejosa, pois supõe-se que, a capacidade de Kay de esquecer as dores provocadas por um eventual término na relação se mostra mais efetiva do que sua própria. A ambiguidade se dá no momento em que a protagonista a defende, mas também a ridiculariza quando menciona as atitudes de Kay em relação a seus relacionamentos amorosos.

Finalmente, ainda sobre essa questão de delineamento de personagens, tem-se um episódio em que a protagonista entra em uma loja a procura de um específico par de brincos e se depara com um rapaz travestido de mulher. Nesse momento, o

tipo de reflexão acerca da fixidez de gêneros proposto por Munro, atinge seu auge, pois a maneira pela qual a personagem se refere ao jovem demonstra uma noção veiculada nas teorias mais recentes nos estudos de gênero: a transgressão, que vai contra a adequação de comportamentos e valores ao sexo correspondente, pavimentada pelo senso comum. “Finally everybody is satisfied and a beautiful Young lady, who is not a young lady at all but a pretty boy dressed up as a lady, emerges from the shelter of the mirror [...]. He is the prettiest and most ladylike person I have seen all day” (MUNRO, 1990, p. 698).

Como já discutido anteriormente, a conto se estrutura através de um recurso em que a protagonista resgata incidentes ocorridos no passado e os alia a acontecimentos presentes, justapondo uma narrativa de memórias sobre o seu antigo relacionamento e suas percepções atuais sobre o mundo a sua volta. Isso porque o retorno ao passado através do recurso da memória transportado ao presente carrega em seu cerne uma mudança na percepção das coisas, alterando o efeito das lembranças, por isso, reconstrói-se o presente. Pierre Nora reitera essa afirmação quando determina que

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações.

(NORA, 1993, p. 9)

Assim, no caso da protagonista de “Bardon Bus”, há um processo de auto-conhecimento em que se percebe uma mudança de perspectiva e também uma mudança em sua própria subjetividade. No trecho que se segue, pode-se em primeiro lugar, uma referência ao que ela denomina de fantasia, isto é, um exemplo explícito da coexistência de elementos que

remetem a uma possível autenticidade do relato (já que se trata de experiências da própria narradora) aliados à noção da imaginação e da ficção.

There I come back again and again to the center of my fantasy, to the moment when you give yourself up, give yourself over, to the assault which is guaranteed to finish off everything you've been before. A stubborn virgin's belief, this belief in perfect mastery; any broken down wife could tell you there is no such thing.

(MUNRO, 1990, p. 686)

Em outro ângulo de articulação do pensamento, essa passagem também conota a descrença, a perda de antigas ilusões que remetem ao encontro amoroso de duas pessoas, no caso um homem e uma mulher, edificado através de uma idéia de perfeição. Nota-se que o caráter da transparência da percepção dá lugar a um elemento opaco no âmbito discursivo; percebe-se que a protagonista passa de uma postura ingênua a uma mais desconfiada, o que desde o início do conto confere ao leitor certa suspeita na constituição dessa narradora. O que, inicialmente pode parecer uma postura de leitura dúbia ou difícil de se expressar, logo se confirma.

Mais adiante, no momento em que a personagem principal inicia o relato de sua experiência com o antigo amor, vê que ela se caracteriza por uma mulher que adquiriu certo nível de conhecimento sobre a operação das relações amorosas. Ela reconhece a inexistência do mito do amor romântico, passando a delinear ironicamente a experiência amorosa como uma espécie de fingimento, em que o desempenhar de papéis se torna uma ação preponderante. Destacam-se, portanto, alguns outros trechos que confirmam essa desilusão, pois se, de uma mulher, ou talvez adolescente, que acredita no encontro exato entre homem e mulher, no momento em que vivencia de fato um ensaio desse encontro, ela passa a se comportar de maneira a

não esperar tanto assim de seu relacionamento “We had no doubt that our happiness would last out the little time required” (MUNRO, 1990, p. 689).

Todavia, ao ponderar sobre seu passado a narradora descobre que suas impressões da época, o fato de ela não ter grandes expectativas sobre seu futuro amoroso, não correspondiam exatamente ao que ela de fato esperava. Na narrativa, o leitor adquire essa posição através dos sonhos que a personagem tem no presente “He said he did not want to interfere with my life but he did want to shelter me. I loved that word” (MUNRO, 1990, p. 689). Alice Munro projeta, por assim dizer, uma personagem ambígua, que de um lado perdeu suas ilusões no amor romântico, mas que, paradoxalmente, ainda espera encontrá-lo. Após a descrição dos sonhos, ela se mantém em uma postura cujo significado se dá pelo quase pedido de desculpas pelo teor daquilo que sonhou. “I have a pleasant dream that seems far away from my waking state [...] I can’t describe it very well, it sounds like a movie-dream of heaven, all banality and innocence. So I suppose it was. I can’t apologize for the banality of my dreams” (MUNRO, 1990, p. 700).

Esse direcionamento ao leitor desconfiado e ciente da existência de relações maleáveis de gênero se alia ao tipo de argumentação de Suely Kofes e Adriana Piscitelli, já que “Quem narra suas lembranças, recria e comunica experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero” (KOFES; PISCITELLI, 1997, p. 347). Os sonhos são obtidos através de uma imersão no subconsciente, e sem querer entrar em discussões freudianas, é notável que nessa esfera, a parcela de sua identidade que reclina sobre suas expectativas amorosas se torna mais evidente, ao passo que no momento que isso é relato ao leitor, obtém-se uma nova configuração.

A protagonista não deseja se enquadrar ao estereótipo de mulher apaixonada, por isso ela remodela o discurso e se

justifica pela banalidade dos sonhos perante o leitor. O caráter contraditório da personagem se confirma mais uma vez a seguir, quando ela se assume enquanto uma mulher apaixonada em processo de superação de uma desilusão amorosa, um papel em que, com observado acima, ela não se sente confortável em estar. “There is a limit to the amount of misery and disarray you will put up with, for love, Just as there is a limit to the amount of mess you can stand around a house. You can’t know the limit beforehand, but you will know when you’ve reached it. I believe this” (MUNRO, 1990, p. 700).

Pode-se então supor que a estrutura da narrativa reflete o caráter ambíguo de construção da protagonista. A existência de várias mudanças temporais cria uma dupla perspectiva na narrativa construída pelo narrador de primeira pessoa; partindo-se da memória como ferramenta de apropriação do passado e sua reformulação no presente. Sob esse prisma, pode-se apreender o caráter realista da escrita de Munro, não através de uma pretensão em retratar o mundo *ipsis litteris*, mas sim da possibilidade de identificação com as frequentes contradições das personagens, que ora se mostram conforme uma identidade, ora conforme outra totalmente diferente. John Orange discorre sobre esse aspecto ao apontar que

Os rompimentos no tempo narrativo nessas histórias, as constantes investidas de detalhes, o deslocamento de atenção para variados personagens periféricos e histórias, a apresentação rápida de lugares e eventos, todos servem para reforçar a idéia de que nossas vidas se transformam imprevisível, terrível e maravilhosamente nesse labirinto”.

(ORANGE, 1983, p. 97, tradução nossa)⁴

⁴ *The disruptions in narrative time in these stories, the constant rush of myriad details, the shifts of attention to assorted peripheral characters and stories, the quick slide show of places and events, all serve to reinforce the idea that our lives take terribly and wonderfully unpredictable turns in that maze*” (ORANGE, 1983, p. 97).

Focando as indagações existenciais presentes nesta personagem, Alice Munro manifesta em sua narrativa entrecortada o fracasso da linguagem na notável impossibilidade de resgatar a memória dos fatos tal e qual ocorreram. A narradora abarca essa impossibilidade da objetividade quando se revela contraditória, tanto no que diz respeito à sua subjetividade, quanto aos deslocamentos de perspectivas, que ora indicam o contrário do que se pode apreender. Assim, pode-se pensar nessa narradora a partir da metáfora da imagem refletida em um espelho quebrado em que a imagem se refere a ela, que se compõe de fragmentos; e o espelho, à linguagem, que de forma imperfeita se serve para que a representação da memória no presente se realize.

Referências Bibliográficas

BARRET, Michèle. As Palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea. **Revista Estudos Feministas**. Santa Catarina, v.1, n. 2, 1993, p. 109-125, 1993.

BESSA, Karla Adriana M. Posições de Sujeito, Atuações de Gênero. **Revista Estudos Feministas**. Santa Catarina, v. 6, n. 1, p. 34-45, 1998.

FACINA, Adriana; SOIHET, Rachel. Gênero e Memória: Algumas Reflexões. Disponível em: www.marilia.unesp.br/Home/.../genero_e_memoria_algumas_reflexos.pdf. Acesso em: 5 dez. 2009.

HOWELLS, Coral Ann. Introduction. In: _____. **Private and Fictional Worlds: Canadian Women Novelists of the 1970s. and 80s**. London: Methuen, 1996. p. 1-10.

_____. Canadianess and women's fiction. In: _____. **Private and Fictional Worlds: Canadian Women Novelists of the 1970s. and 80s**. London: Methuen, 1996. p. 11-32.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memória de histórias femininas, memórias e experiências. In: **Cadernos Pagu**. (8/9), 1997. p. 343-354.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do gênero. Tradução de Susana Bornéo Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). In: **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 207-242.

MATOS, Maria Izilda S. Outras Histórias: As Mulheres e os Estudos de Gênero-percursos e possibilidades. In: MATOS, Maria Izilda S.; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). In: **Gênero em Debate: Trajetória e Perspectivas na Historiografia Contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997. p. 85-114.

MUNRO, Alice. Bardon Bus. In: FADIMAN, C. (Org.). **The World of The Short Story**. Random House Value Publishing, 1990. p. 686- 701.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: 10, 1993. p. 7-28.

ORANGE, J. Alice Munro and a Maze of time. In: MACKENDRICK, L. K. (Ed.). **Probable Fictions: Alice Munro's narrative acts**. Downsvie: ECW Press, 1983. p. 83-97.

SANTIAGO, S. O narrador pós moderno. In: _____. **Nas Malhas da Letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 45-64.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. v. 16. Porto Alegre: jul/ dez 1990. p. 5-22.

WEEDON, C. Language and subjectivity. In: _____. **Feminist Practice and poststructuralist theory**. Oxford; New York: Basil Blackwell, 1989. p. 74-106.

ABSTRACT: This article aims to reconsider the construction of female subjectivity in a share of the Canadian Alice Munro's fiction, focusing on the questioning of the tight categorization of gender as a major factor. For this, the chosen corpus includes the short story "Bardon Bus" present in the compilation *Moons of Jupiter* (1982). Some considerations will be envisioned about

the reconstruction of past events through the memory of the female protagonist, taking into account the implications of an awareness of gender roles as performers, and questions about the fragility of a fixed identity constitution. It appears, still, a fragmented notion of language, especially in a context of recovery from past events, in which it is presented as a tool for representing a dubious and ambiguous subjectivity. It starts with a theoretical apparatus that includes authors such as Carol Ann Howells, Chris Weedon, Joan Scott, Teresa de Lauretis, among others, whose theories are brought to the core of both the above mentioned elements, but especially the undeniable socio-cultural character represented in the literature.

KEY WORDS: Alice Munro; language; gender; memory; subjectivity.

Data de recebimento: 13/10/2010

Data de aprovação: 24/10/2010

